

FIDEL E A RELIGIÃO

F R E I B E T T O

FIDEL E A
RELIGIÃO

Conversas com Frei Betto



FONTANAR

Copyright © 2016 by Frei Betto

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

O selo Fontanar foi licenciado pela Editora Schwarcz S.A.

CAPA Claudia Espínola de Carvalho

FOTO DE CAPA Jean-Pierre Bonnotte/ Getty Images

IMAGENS DE MIOLO p. 10: acervo pessoal do autor
pp. 11-2: © Alex Castro/ acervo pessoal do autor

REVISÃO DOS ORIGINAIS Maria Helena Guimarães Pereira

REVISÃO DA TRANSCRIÇÃO DAS FITAS Fidel Castro Ruz

PREPARAÇÃO Andressa Bezerra Corrêa

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Betto, Frei

Fidel e a religião : conversas com Frei Betto / Frei Betto.
— 1^a ed. — São Paulo : Fontanar, 2016.

ISBN 978-85-8439-031-1

1. Castro, Fidel, 1926 — Entrevistas 2. Cuba — Política
e governo 3. Igreja Católica — Cuba 4. Religião e política
i. Título.

16-03178

CDD-322.1097291

Índice para catálogo sistemático:

1. Fidel e religião : Entrevistas : Ciência política 322.1097291

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.facebook.com/Fontanar.br

A Leonardo Boff, sacerdote, doutor e, sobretudo, profeta.

Em memória de frei Mateus Rocha, que me ensinou a dimensão libertadora da fé cristã e, como provincial dos dominicano brasileiros, estimulou essa missão.

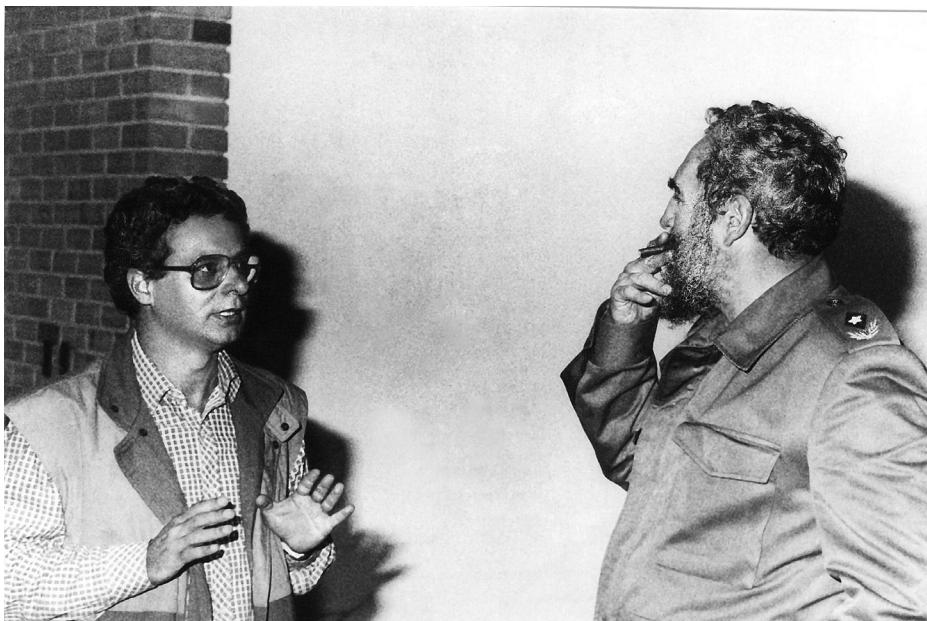
A todos os cristãos latino-americanos que — entre incompreensões e na bem-aventurança da sede de justiça — preparam, a exemplo de João Batista, os caminhos do Senhor no socialismo.

Sumário

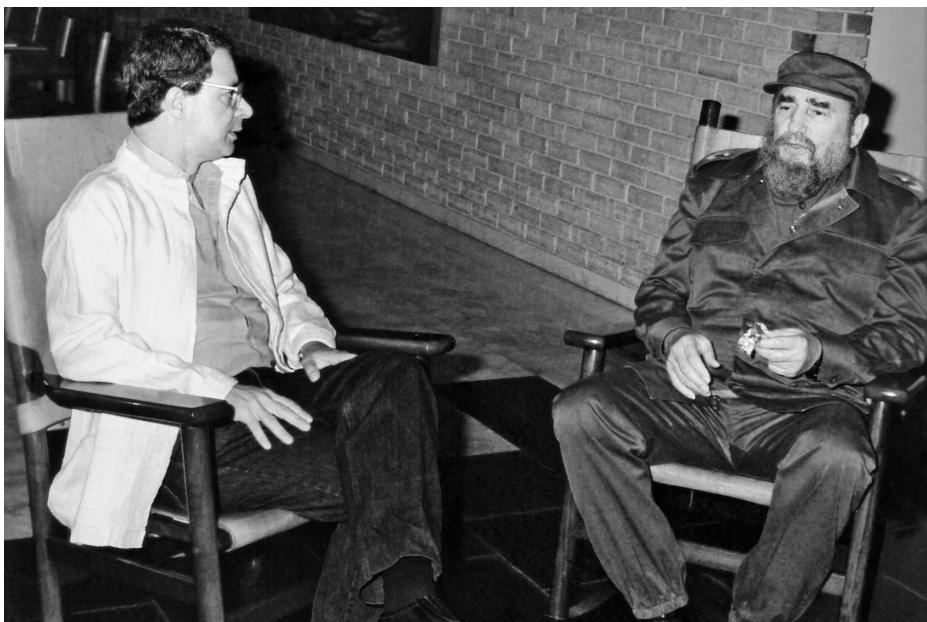
PRÓLOGO — Caminhos de um encontro	13
PARTE UM	
Visita a Cuba com meus pais	31
Encontro com Fidel	36
Sistema eleitoral	41
Mães-enfermeiras	42
À espera da entrevista	44
Espirpiritualidade de Jesus	46
Projeto de vida em Jesus	57
Rádio José Martí	63
PARTE DOIS	
Família de Fidel	69
Batizado	80
Infância em Santiago de Cuba	86
Festas dos Reis Magos	93
Primeira escola	95
Férias e festas	99
Colégio dos jesuítas	103
Formação religiosa	109
Sistema escolar	112
Ensino médio	117

Retiros espirituais	124
Compromisso com os pobres	129
Marx e Martí	133
Preparação política da Revolução	138
 PARTE TRÊS	
Ataque ao quartel Moncada	151
Prisão	159
Padre Sardiñas	165
Primeiras leis revolucionárias	169
Discriminação racial	173
Renúncia de Fidel	177
Conflitos com a Igreja	181
Religiosidade do povo	185
Igreja e processos revolucionários	191
Caráter socialista da Revolução	198
Combate ao sectarismo	204
Invasão da Baía dos Porcos	210
Cristãos e o Partido Comunista	214
Discriminação aos cristãos	219
 PARTE QUATRO	
Encontro dos estudantes cristãos	225
Visita dos bispos estadunidenses	228
Missionários ou internacionalistas	234
Religiosas cubanas	238
Presos contrarrevolucionários	242
Cristãos latino-americanos	245
Relações Igreja-Estado	250
Cristãos e esquerda na América Latina	254
Religião como dominação	257
Papa João xxIII	264
Relação entre cristianismo e marxismo	268

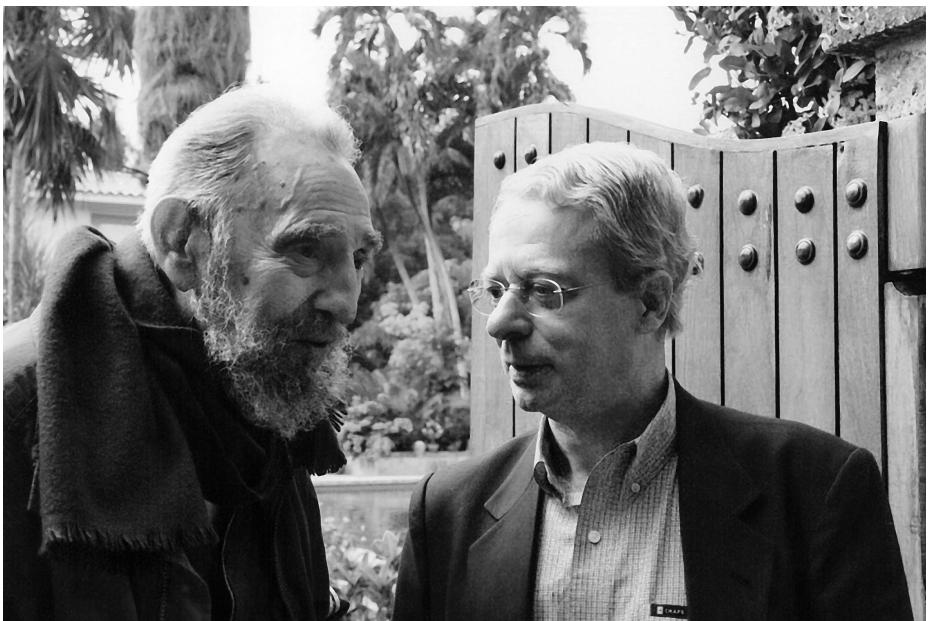
Igreja e controle da natalidade	275
PARTE CINCO	
Visita do papa	283
Figura de Jesus	290
Mártires cristãos e comunistas	295
Religião é ópio do povo?	299
Amor como exigência revolucionária	302
Ódio de classe.....	305
Democracia cubana	312
Eleições em Cuba	317
Cuba exporta revolução?.....	320
Relações com o Brasil	323
Ernesto Che Guevara	324
Camilo Cienfuegos	329
Obras de Frei Betto	333



Frei Betto conversa com Fidel durante o período da entrevista (Havana, 1985).



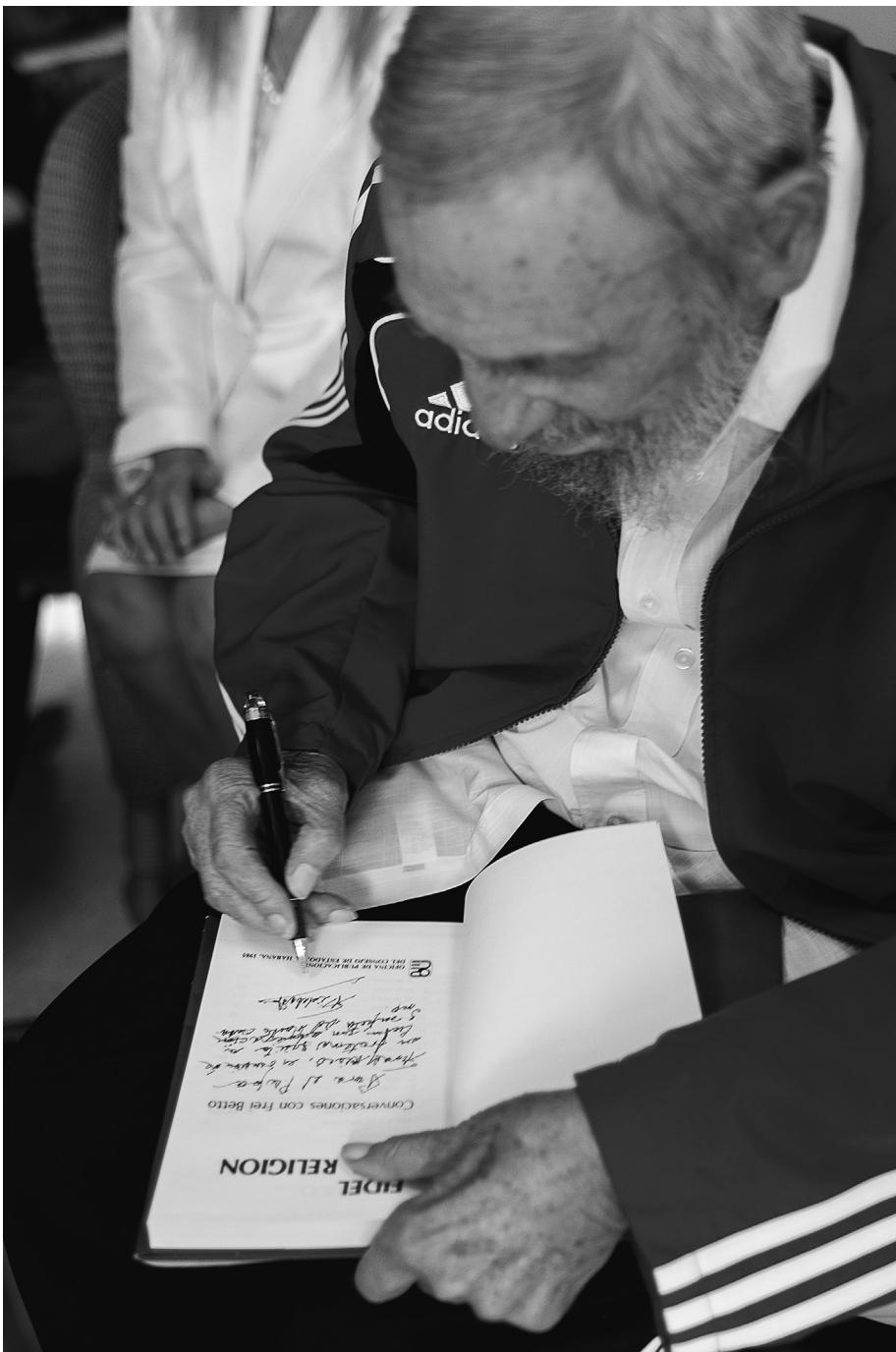
Fidel e Frei Betto no gabinete presidencial, no Palácio da Revolução (Havana, 1985).



Fidel e Frei Betto na porta da casa do líder cubano (Havana, 2013).



Fidel presenteia o papa Francisco com um exemplar da edição cubana de Fidel e a religião. Ao fundo, Dalia Soto del Valle, esposa de Fidel (Havana, setembro de 2015).



Fidel autografa um exemplar da edição cubana de Fidel e a religião para presentear o papa Francisco (Havana, setembro de 2015).

PRÓLOGO

Caminhos de um encontro

O projeto desta obra brotou em mim em 1979. Havia proposto ao meu querido compadre Énio Silveira — fundador da Editora Civilização Brasileira, pela qual publiquei meus primeiros livros — escrever uma obra que tivesse como título *A fé no socialismo*. Realizá-la exigiria que eu viajasse aos países socialistas para entrar em contato com comunidades cristãs sob um regime qualificado de materialista e ateu. Múltiplas tarefas acabaram distanciando-me deste projeto, acrescido o fato de sua consecução ser demasiado cara.

Logo depois do triunfo da Revolução Sandinista, em 1979, os centros pastorais que atuavam na Nicarágua me convidaram a assessorar encontros e treinamentos, especialmente com camponeses. Passei a viajar àquele país duas ou três vezes ao ano, para também animar retiros espirituais, dar cursos de iniciação bíblica e ajudar comunidades cristãs na articulação entre vida de fé e compromisso político.

Patrocinado pelo Centro de Educação e Promoção Agrária (Cepa), cumpri um programa de sete encontros pastorais com camponeses, na montanha de Diriamba, em El Crucero. Essas viagens me aproximaram dos sacerdotes que serviam ao governo popular da Nicarágua, entre os quais Miguel d'Escoto* e os irmãos Fernando e Ernesto Cardenal.**

* Padre Miguel d'Escoto (1933-), da Ordem de Maryknoll, é nicaraguense e foi ministro das Relações Exteriores de seu país sob governos presididos por Daniel Ortega. Em 2008, foi eleito presidente da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU).

** Fernando Cardenal (1934-2016), sacerdote jesuíta nicaraguense, foi ministro da Educação do governo sandinista. Ernesto Cardenal (1925-), sacerdote, poeta e místico nicaraguense, foi ministro da Cultura do primeiro governo sandinista. Hoje é dissidente

Em 19 de julho de 1980, participei como convidado oficial das comemorações do primeiro aniversário da Revolução Sandinista. Na noite daquela data, padre Miguel d'Escoto, ministro das Relações Exteriores, levou-me à casa do escritor Sergio Ramírez, então vice-presidente da República.* Foi então que, pela primeira vez, conversei com Fidel Castro, a quem vira na concentração popular daquela manhã, onde ele discursara.

COM OS CRISTÃOS NO CHILE

Recordei a Fidel o impacto que me causaram suas declarações — lidas quando eu estava no cárcere político de São Paulo, cumprindo sentença de quatro anos “por razões de segurança nacional” — aos sacerdotes que visitara no Chile, em novembro de 1971. Naquela ocasião, ele afirmou: “Numa revolução há uma série de fatores morais que são decisivos. Nossos países são muito pobres para poder dar ao homem riquezas materiais, mas não para lhe dar um sentido de igualdade, um senso de dignidade humana”. Contou que, na visita protocolar ao cardeal Silva Henríquez,** de Santiago do Chile, dissera-lhe sobre as “necessidades que nossos povos tinham de objetivamente libertar-se e da necessidade de unir os cristãos e os revolucionários nesses propósitos. Isso não era um interesse específico de Cuba, pois não tínhamos problemas dessa índole em nosso país, mas, considerando o contexto da América Latina, era dever e interesse de revolucionários e cristãos, muitos deles homens e mulheres humildes do povo, estreitar laços num processo de libertação que era inevitável”.

sandinista e contundente crítico do governo Daniel Ortega. Recebeu vários prêmios por sua obra literária.

* Sergio Ramírez (1942-), romancista e político nicaraguense, foi vice-presidente da Nicarágua sandinista entre 1986 e 1990. Hoje é um contundente crítico da política do presidente Daniel Ortega.

** Raúl Silva Henríquez (1907-99) foi arcebispo de Santiago do Chile entre 1961 e 1983. Sob a ditadura de Pinochet, o cardeal atuou em defesa dos direitos humanos.

O cardeal presenteou o dirigente cubano com um exemplar da Bíblia e perguntou-lhe se não o incomodava. “Por que me incomodaria?”, respondeu Fidel, “se este é um grande livro que li e estudei quando criança. Agora vou relembrar muitas coisas que me interessam.”

Um dos padres indagou o que pensava da presença de sacerdotes na política. “Nenhum guia espiritual de uma coletividade humana” — respondeu Fidel — “pode ignorar seus problemas materiais, seus problemas humanos, seus problemas vitais. Por acaso esses problemas materiais, humanos, são independentes do processo histórico? São independentes dos fenômenos sociais? Temos vivido tudo isso. Sempre recordo da escravidão primitiva. Inclusive o cristianismo surgiu naquela época.” Observou que os cristãos “passaram de uma fase em que foram os perseguidos a outras em que foram perseguidores” e que “a Inquisição foi uma fase de obscurantismo, quando se chegou a queimar homens”. Agora, o cristianismo poderia ser “uma doutrina não utópica, mas real, e não um consolo espiritual para o homem que sofre. Pode produzir-se o desaparecimento das classes e surgir a sociedade comunista. Onde está a contradição com o cristianismo? Ao contrário, se produziria um reencontro com o cristianismo dos primeiros tempos em seus aspectos mais justos, mais humanos, mais morais”.

Junto ao clero chileno, Fidel relembrou seus tempos de aluno de colégios católicos: “O que ocorria com a religião católica? Um relaxamento muito grande. Era meramente formal. Não havia nenhum conteúdo. E quase toda a educação estava permeada disso. Eu estudei com os jesuítas. Eram homens retos, disciplinados, rigorosos, inteligentes e de caráter. Sempre afirmei isso. Porém, conheci também a irracionalidade daquela educação. Mas, para vocês, aqui entre nós, digo-lhes que há um grande ponto de contato entre os objetivos que o cristianismo preconiza e os que nós, comunistas, buscamos; entre a pregação cristã da humildade, da austeridade, do espírito de sacrifício, do amor ao próximo, e tudo o que se pode chamar conteúdo de vida e conduta de um revolucionário. Afinal, o que estamos pregando ao povo? Que mate? Que roube? Que seja egoísta? Que explore os demais? É exatamente o

contrário. Ainda que por motivações diferentes, as atitudes e a conduta que propugnamos frente à vida são muito semelhantes. Vivemos em uma época em que a política entrou em um terreno quase religioso em relação ao homem e à sua conduta. Acredito que, talvez, tenhamos chegado a uma época em que a religião pode entrar no terreno político em relação ao homem e às suas necessidades materiais. Poderíamos subscrever quase todos os preceitos do catecismo: não matarás, não roubarás...”.

Depois de criticar o capitalismo, Fidel afirmou que há “10 mil vezes mais coincidências entre o cristianismo e o comunismo do que as que poderia haver com o capitalismo... Não vamos criar divisões entre os homens. Vamos respeitar as convicções, as crenças, as explicações. Cada um que tenha sua posição, que tenha sua crença. Contudo, no terreno dos problemas humanos, que interessam a todos e são dever de todos, é precisamente nesse terreno que temos de trabalhar”. Ao referir-se às religiosas cubanas que trabalham em hospitais, acentuou: “Fazem as coisas que se espera que um comunista faça. Cuidando de hansenianos, de tuberculosos e de outros tipos de doentes contagiosos, fazem o que queremos que faça um comunista. Uma pessoa que se consagra a uma ideia, ao trabalho, que é capaz de sacrificar-se pelos demais, faz o que queremos que faça um comunista. Afirmo isso francamente”.

CRISTIANISMO EM CUBA

Ali na biblioteca de Sergio Ramírez, em Manágua, toda essa conversa entre o revolucionário de Sierra Maestra e os sacerdotes chilenos, cujo registro agora consulto, estava presente em minha memória e servia de base à nossa troca de ideias sobre a questão religiosa em Cuba e na América Latina.

Naquela ocasião, no Chile, um dos presentes lhe perguntou se a sua crise de fé fora antes ou durante a Revolução. Ele respondeu que

nunca lhe haviam inculcado a fé: “Poderia dizer que jamais a tive. Foi mecânico, não racional”. Evocando sua experiência na guerrilha, comentou que “não se construirá uma única igreja na montanha. Mas chegou um missionário presbiteriano e outros de algumas chamadas seitas e conquistaram alguns adeptos. Essas pessoas nos diziam: não se pode comer gordura animal. Ouçam-me: não comiam gordura! Não havia óleo vegetal, e o mês inteiro não comiam banha de porco. Era preceito e o cumpriam. Todos esses pequenos grupos eram muito mais consequentes. Penso que o católico americano é também um pouco mais prático em matéria de religião. Socialmente, não. Porque quando eles organizam a invasão de Girón* e as guerras do Vietnã** e coisas do gênero, não podem ser consequentes. Então eu diria que as classes ricas mistificaram a religião, puseram-na a seu serviço. Entretanto, o que é um sacerdote? É por acaso um latifundiário? É por acaso um industrial? Sempre li aquelas polêmicas entre o comunista e o sacerdote Dom Camilo, aquele padre famoso da literatura italiana.*** Diria que foi um dos primeiros passos para romper esse clima...”.

A respeito de Cuba, um padre lhe perguntou em que medida os cristãos foram freio ou motor na Revolução. “Ninguém pode dizer que os cristãos foram freio”, reagiu ele. “Houve alguma participação cristã na luta, ao final, como cristãos; houve, inclusive, alguns mártires. Do Colégio Belém assassinaram três ou quatro rapazes, ao norte de Pinar del Río. Houve sacerdotes que, por iniciativa própria, se somaram a nós, como ocorreu no caso do padre Sardiñas.**** Como freio, o que surgiu nos primeiros momentos foi um problema de classes. Não tinha nada a ver com religião. Foi a religião dos latifundiários e dos ricos. E quando se

* Fidel se refere à invasão usamericana de Cuba, através da Baía dos Porcos, em abril de 1961, promovida pelo presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, que se dizia católico.

** No século xx, o povo vietnamita derrotou, depois de nove anos de guerra (1965-73), as tropas dos Estados Unidos. Morreram 58 mil soldados usamericanos e cerca de 4 milhões de vietnamitas entre militares e civis, além das baixas de outros países.

*** Referência ao célebre romance de Giovanni Guareschi, *Don Camillo e o seu pequeno mundo* (Lisboa: Europa-América, 1989).

**** Ver, na terceira parte, o capítulo “Padre Sardiñas”.

produz o conflito socioeconômico, procuram usar a religião contra a Revolução. Foi o fenômeno que ocorreu, a causa dos conflitos. Havia um clero espanhol bastante reacionário.”

Ao final da longa conversa com os sacerdotes chilenos, Fidel sublinhou que a aliança entre cristãos e marxistas não era meramente tática. “Gostaríamos de ser aliados estratégicos, ou seja, aliados definitivos.”

COM OS CRISTÃOS NA JAMAICA

Quase seis anos depois da viagem ao Chile de Allende,* o primeiro secretário do Partido Comunista de Cuba voltou ao tema religioso, dessa vez no decorrer de sua visita à Jamaica, em outubro de 1977. A diferença é que, nessa época, falou a um auditório majoritariamente protestante. Reafirmou que “em nenhum momento a Revolução Cubana estava inspirada em sentimentos antirreligiosos. Partíamos da mais profunda convicção de que não tinha que existir contradição entre a revolução social e as ideias religiosas da população. Houve em nossa luta ampla participação de todo o povo, inclusive de homens religiosos”. Revelou que a Revolução havia tomado especial cuidado para não parecer, perante o povo e os povos, inimiga da religião. “Pois, se isso ocorresse”, acrescentou, “estaríamos realmente prestando um serviço à reação, um serviço aos exploradores, não só em Cuba, mas, sobretudo, na América Latina.” Acrescentou que, muitas vezes, se perguntava: “Por que as ideias de justiça social têm que se chocar com as convicções religiosas? Por que têm que se chocar com o cristianismo? Conheço bastante os princípios cristãos e as pregações de Cristo. Tenho minha convicção de que Cristo foi um grande revolucionário. Essa é a minha convicção. Era um homem cuja doutrina está toda consagrada aos humildes, aos pobres, a combater os abusos, a injustiça e a humilhação

* Salvador Allende (1908-73), socialista, governou o Chile entre 1970 e 1973, quando foi derrubado pelo golpe militar liderado pelo general Augusto Pinochet e assassinado no Palácio de la Moneda.

do ser humano. Eu diria que há muito em comum entre o espírito, a essência de sua pregação, e o socialismo”.

Voltou também ao tema da aliança entre cristãos e revolucionários, declarando que “não existem contradições entre os propósitos da religião e os propósitos do socialismo”. E afirmou que “devíamos fazer uma aliança, mas não uma aliança tática”, disse, relembrando sua viagem ao Chile. “Eles me perguntaram se era uma aliança tática ou estratégica. Eu falo: uma aliança estratégica entre a religião e o socialismo, entre a religião e a Revolução.”

Com base na memória desses pronunciamentos, contei a Fidel sobre a evolução das Comunidades Eclesiais de Base,* e de como o povo sofrido e crente encontrava em sua própria fé, na meditação da Palavra de Deus, na participação nos sacramentos, a energia necessária à luta por uma vida melhor. A meu ver, a América Latina não estava dividida entre cristãos e marxistas, mas entre revolucionários e aliados das forças da opressão. Muitos partidos comunistas haviam falhado por professarem um ateísmo academicista, que os afastava dos pobres impregnados de fé. Nenhuma aliança se daria caso fosse estabelecida em torno de princípios teóricos ou de discussões livrescas. Era a prática libertadora o terreno no qual haveria ou não o encontro entre militantes cristãos e marxistas, pois assim como há muitos cristãos que defendem os interesses do capital, também há muitos que jamais se divorciaram da burguesia entre os que se dizem comunistas. Como homem de Igreja, eu estava particularmente interessado na Igreja Católica em Cuba. O que falamos de específico sobre isso está reproduzido aqui.

* As Comunidades Eclesiais de Base surgiram no Brasil no início da década de 1960 e logo foram adotadas como modelo pastoral em quase toda a América Latina e em países da África e da Ásia. Congregam fiéis de baixa renda, em geral na zona rural e na periferia urbana, e utilizam o método Ver-Julgar-Agir em suas atividades. Tiveram grande expansão no Brasil e na América Latina entre as décadas de 1970 e 1990, refluxo devido à falta de apoio dos pontificados de João Paulo II e Bento XVI. Fomentadoras de movimentos sociais, foi da reflexão de seus militantes, ao cotejar fatos da vida com fatos da Bíblia, que nasceu a Teologia da Libertação. O papa Francisco representa, agora, um novo alento às CEBS.